

IMPrensa E CRÍTICA LITERÁRIA: OS EXEMPLOS DE JOÃO PINTO DA SILVA E ANTÔNIO DE MARIZ*

Carlos Alexandre Baumgarten
Faculdade Porto-Alegrense de
Educação, Ciências e Letras

1. IMPrensa E CRÍTICA LITERÁRIA

O ensaio crítico no Rio Grande do Sul, como no restante do País, tem sua prática vinculada ao jornal e à revista. Nas páginas de periódicos literários ou não, aqueles que exercem o ofício da crítica encontram espaço para seus estudos que, em geral, passam mais tarde à publicação em livro, se seus autores atingem reconhecida penetração entre os interessados pelos estudos literários. Originalmente, no entanto, o ensaio crítico é escrito para jornal.

No Rio Grande do Sul, a partir da segunda metade do século XIX, em função do grande número de periódicos surgidos na Capital e no interior, desenvolveu-se o ensaio crítico. Foi nesse período que despontaram aqueles que primeiro se dedicaram à atividade crítica, como foram os casos de Glodomiro Paredes, Bernardo Taveira Júnior e, sobretudo, Apolinário Porto Alegre, responsável pela publicação do melhor e mais extenso estudo crítico do período: **José de Alencar — Estudo biográfico**. Estes estudos, entretanto, se constituíram apenas num esforço inicial no sentido de se desenvolver a atividade crítica no Estado, mostrando-se superficiais e pouco especializados, como já se teve oportunidade de referir em estudo anterior¹.

A crítica literária no Estado conseguiu atingir maior profundidade a partir da República, quando as teorias taineanas e comteanas passaram a dominar o cenário cultural sul-rio-grandense de forma definitiva, sendo elas as responsáveis pela disciplina e maior rigor que caracterizaram nossa produção crítica já nos últimos anos do século XIX. Ainda aqui, a crítica literária é crítica de jornal, despontando os periódicos **A Gazeta de Porto Alegre**, tendo por redator Carlos Koseritz, **A Reforma**,

A República e o Petit Journal, já no início do século XX, entre outros jornais espalhados pelo Estado.

Deste período, foram os trabalhos de Alcides Maya, sem dúvida o primeiro, dentre os gaúchos, que apresentou uma produção crítica continuada e harmônica e a respeito do qual Flávio Loureiro Chaves² afirmou:

Em verdade, torna-se difícil classificá-lo numa tendência ou linhagem determinada e está é precisamente essa principal qualidade. A unilateralidade conservadora de sua ficção corresponde, contraditoriamente, a abertura intelectual de que se serve na atividade crítica. (CHAVES, 1979: XVII)

Os ensaios críticos de Alcides Maya, embora quase todos reunidos em livro, surgiram inicialmente nas páginas de nossos principais periódicos, como foi o caso do conhecido *Literatura nacional*³, publicado primeiramente em 1898, n'A República, jornal porto-alegrense, ou o de *A nossa história literária*, publicado no *Correio do Povo*, em 1899, ao longo de três números, sob os títulos *Literatura brasileira*⁴ e *Literatura nacional*⁵, saindo, mais tarde, em 1900, no livro intitulado coerentemente *Através da imprensa*.

Ao lado dos textos que discutem problemas relativos à literatura brasileira, Alcides Maya publicou uma série de outros, onde a produção intelectual estrangeira também foi alvo de exame. Este é o caso de um conjunto de artigos publicados no *Correio do Povo*, sob o título *Estudos e Notas*, onde se examinam *Cyrano de Bergerac*⁶, de Rostand, *Complications sentimentales*⁷, de Paul Bourget, *Les revenants*⁸ e *Casa de bonecas*⁹, de Ibsen, que comprovam o largo conhecimento e atualização cultural deste que foi nosso primeiro crítico digno de nota, dada a variedade de sua produção.

A partir de Alcides Maya, portanto, a crítica literária no Rio Grande do Sul consolidou-se definitivamente como uma prática constante e cada vez mais especializada, além de se apresentar sempre vinculada ao jornal, fato que em grande parte permanece até nossos dias.

Ao lado de Alcides Maya, surgiram outros críticos que também desenvolveram, através do jornal, seus estudos literários. Nesse sentido, selecionaram-se aqui dois destes estudos para exame. São eles: *Cruz e Souza — A sua cor e a sua arte*¹⁰, de João Pinto da Silva, e *Contos gauchescos por J. Simões Lopes Neto*¹¹, de Antônio de Mariz. Esta escolha se justifica pelo fato de o primeiro se constituir no maior dos críticos literários gaúchos da primeira metade do século XX, e

pelo segundo evidenciar a recepção que teve a obra de Simões Lopes Neto à época de sua aparição no cenário da literatura sul-rio-grandense.

1.1. João Pinto da Silva

Depois de Alcides Maya, o grande crítico que surge no Rio Grande do Sul é João Pinto da Silva que, a exemplo do primeiro, publicou inicialmente em jornal para depois reunir seus escritos nos vários livros que compõem a sua bibliografia crítica. Entre os anos de 14 e 17 de nosso século, João Pinto da Silva publicou uma série de artigos no *Diário*, da Companhia Gráfica Porto-Alegrense, onde talvez tenha realizado seus primeiros exercícios como crítico literário, depois de se ter transferido de Jaguarão para Porto Alegre. É deste conjunto o texto intitulado *Cruz e Souza — A sua cor e a sua arte*, onde João Pinto da Silva procura, analisando a produção literária do poeta simbolista, resgatar sua obra e definir seu lugar no contexto da evolução literária brasileira, como se pode observar pela seguinte passagem:

Essa estranha, emocionada e dolorosa figura de poeta negro é ainda, hoje, depois de morta, como quando em vida, a vítima do silêncio condenável de nós todos, os que lhe devemos uma sensação nova, em literatura, no Brasil, num trecho de caminho desbravado, o esforço artístico, enfim, de cujos resultados agora somos usufrutuários.

Mas, nesta hora da nossa cultura geral e da nossa sensibilidade que se educa, é imprescindível estabelecer a origem da influência espiritual que o governou, definindo-lhe a individualidade vigorosa, calculando o ralo de influência que ele, por sua vez, exerceu na literatura nacional, fixando, para sempre, o lugar, o culminante lugar que lhe corresponde. (SILVA: 15.6.1934)

Como se percebe, o crítico procura definir, ao início do artigo, seus objetivos no exame da obra de Cruz e Souza, uma vez que ela, além de não ter sido ainda devidamente valorizada, vinha sendo constantemente atacada pelos estudiosos da literatura, como era o caso de José Veríssimo, a quem o autor cita e contraria no seguinte parágrafo, quando se refere ao poeta e à sua obra:

Dai, a indiferença e a oposição com que teve de lutar, isolado e vitorioso. Dai, as palavras mesquinhas de José Veríssimo, que não lhe compreendeu, ao menos, o grande, o excepcional lirismo sugestivo, a música ondesante e "sanglotante" que imprimiu quase sempre aos seus versos as mais perturbadoras e profundas notas de harmonia. Dai, principalmente, o silêncio que lhe cobre o nome, como uma crosta que os seus inimigos, ainda agora, procuram tornar cada vez mais espessa... (SILVA: 15.6.1934)

Em verdade, João Pinto da Silva coloca-se como um dos pioneiros na valorização e reconhecimento do mérito da obra de Cruz e Souza que, como se sabe, só recebeu a devida atenção da crítica muito tempo após o seu surgimento. Mesmo no Rio Grande do Sul, onde o Simbolismo frutificou em autores como Eduardo Guimaraens, Alceu Wamosy, Zeferino Brasil e outros, este reconhecimento foi tardio.

O exame que faz da obra de Cruz e Souza leva-o a estabelecer um paralelo com a de Paul Verlaine, reconhecendo nelas muita semelhança quando considera o ritmo, o nível vocabular e mesmo o processo de criação. É neste momento que João Pinto da Silva mostra conhecimento e sensibilidade na apreciação do fenômeno poético, apesar de ser também um tributário das concepções taineanas então ainda dominantes no Estado. Veja-se a seguinte passagem do artigo:

Aca "Poèmes saturniens", peses analogia, corresponderiam as "Broquies", como os "Ottimo sonetos" corresponderiam à "Sagesse", poetas de lado, é claro, poderosas circunstâncias individuais, diferença de ambiente e diferenças de raça. (SILVA: 15.6.1914)

Esta orientação teórica, embora não o impeça de reconhecer o mérito da obra de Cruz e Souza, leva-o, no entanto, a afirmações que hoje se apresentam equivocadas, já que não consegue estabelecer o seu lugar na tradição literária brasileira, considerando-a muito mais uma expressão literária estrangeira, fruto do gênio individual e não de nosso desenvolvimento literário. Assim, em sua concepção, Cruz e Souza é muito mais um poeta francês do que brasileiro, como se percebe no trecho seguinte:

Cruz e Souza, pelo contrário, é na literatura nacional um fenômeno interessante. Por vezes, comparado aos poetas brasileiros de seu tempo, é uma anomalia. Da sua feição, singular e forte, resultam circunstâncias paradoxais, que o des-nacionalizam, expatriando-o do centro mesmo da pátria... É menos um poeta do Brasil do que um poeta francês, contemporâneo de Mallarmé, mantendo, alto, o "Je n'ai jamais procédé que par allusion", convencido de que a poesia é, realmente, "la langue d'un état de crise"... (SILVA: 15.6.1914)

Hoje, decorrido quase um século das publicações simbolistas, reconhece-se ainda a influência européia que sofreu o movimento. No entanto, sabe-se também que ele se constituiu numa decorrência natural da poética parnasiana, estando, portanto, integrado no processo de desenvolvimento da literatura brasileira. Alfredo Bosi¹², quando analisa a produção simbolista, aponta para este caminho, a exemplo do que fazem outros estudiosos contemporâneos. Veja-se:

A rigor, o caso brasileiro nada tem de excepcional e ilustra uma tendência formalizante pela qual o estilista Flaubert é o melhor precursor do herético Mallarmé, o neoclássico Carducci dá lições no decadente D'Annunzio: em suma, o Simbolismo, como técnica, é o sucedâneo fatal do Parnasianismo. (BOSI, 1980: 390)

João Pinto da Silva, no entanto, limitado pelo pouco tempo decorrido depois das publicações de Cruz e Souza e, sobretudo, pela ausência de um estudo completo e decisivo a respeito da produção simbolista, não consegue perceber nesta nenhuma relação com o processo literário brasileiro, vendo no poeta catarinense um escritor que nada tem a ver com a cultura nacional:

É um poeta francês, pelo cérebro, escrevendo em nossa língua páginas que só por isso não são universais. Essa observação, de resto, não é nova. Ela se tem imposto sempre aos que de boa fé procuram compreender e explicar essa fulgurante organização de escritor, cuja obra não tem relação alguma com o Brasil, não traduz uma única tendência nacional, nem é, de qualquer forma, um resultado lógico da nossa cultura. (SILVA: 15.6.1914)

Apesar das limitações impostas pelas concepções teóricas do início do século, João Pinto da Silva realiza um exame especializado da obra de Cruz e Souza, apontando suas qualidades estilísticas, no que demonstra um grande conhecimento dos processos composicionais que caracterizavam a produção poética da época e, em especial, daqueles que marcaram a poesia do escritor catarinense. Leia-se o que afirma a respeito da técnica presente na poesia de Cruz e Souza:

Técnico admirável, descobria efeitos inéditos, cadências imprevisíveis, fazendo de cada associação de vocábulos um milagre de harmonia. Variando os acentos predominantes, naquele metro, — que ele decomponha, aliás, de todos os modos permitidos, variando os acentos da sexta e décima para a segunda, quarta, oitava e décima, ou simplesmente para a quarta, oitava e décima sílabas, intercaladamente, fazendo cair na sexta pausa a sílaba tônica duma palavra esdrúxula, tudo isso com rara felicidade e habilidade. — o poeta, como nenhum outro, transmitia aos seus versos aquela "quantidade de espírito sugestivo, qualquer coisa como uma corrente subterrânea do pensamento, não visível, indefinida", de que falava Edgar Poe. (SILVA: 15.6.1914)

Como se pode ver, João Pinto da Silva realiza um estudo crítico da obra de Cruz e Souza que o coloca entre os primeiros, em nosso Estado, a lançar mão de uma teoria estética no exame do texto literário, ainda que preso à influência das concepções taineanas vigorantes na época e próximo do fenô-

meno literário que examina, aspectos que restringem a amplitude de sua análise.

1.2. Antônio de Mariz

Dentre os escritores gaúchos, Simões Lopes Neto é talvez o mais estudado de todos, e sua obra vem se constituindo numa das trajetórias mais perenes da literatura sul-rio-grandense. Basta que sejam lembrados trabalhos como os de Aurélio Buarque de Hollanda, Augusto Meyer, Carlos Reverbel e, recentemente, o estudo realizado por Flávio Loureiro Chaves. Todos são unânimes em apontar a excelência da obra simoniana, quando considerada no contexto da produção regionalista brasileira e mesmo fora dela, relevando ora as suas características essencialmente regionalistas, ora realçando aqueles aspectos que a fazem ultrapassar a barreira do regional.

O texto escrito por Antônio de Mariz, publicado em número do *Correio do Povo* de novembro de 1913, se inclui muito mais na primeira categoria, isto é, naquela que valoriza o suporte regionalista e, portanto, ideológico da obra de Simões Lopes. Embora não se constitua em estudo altamente especializado, o trabalho de Antônio de Mariz merece ser examinado para que se possa ter idéia da recepção que teve a obra simoniana, à época de sua aparição, por parte daqueles que exerciam o ofício da crítica através do jornal.

Ao início do artigo, o autor insere a obra de Simões Lopes — *Contos gauchescos* — no cenário da literatura sul-rio-grandense, considerando a linhagem regionalista, como se percebe quando afirma:

É um livro, genuinamente rio-grandense, pela própria tecnologia literária, expressando o caráter físico e sociológico, com os fatos e as circunstâncias se individualizaram em concordância com as diversas formas representadas em cada um dos interessantes "Contos". (MARIZ: 7.11.1913)

A partir desta inserção do texto na linhagem regionalista, Antônio de Mariz passa a apontar aqueles aspectos presentes nos contos de Simões Lopes e que fazem deles um legítimo representante da literatura tipicamente sul-rio-grandense:

Reconstruir literariamente essas coisas do Rio Grande de setenta e mais anos transcorridos; traçar as linhas de contorno de uma raça acclimada à vida livre do campo; acentuar o vigor físico e moral dos tipos superiores dessa mesma raça, na simplicidade de seus costumes e de sua moral, sem modalidades exóticas, é uma das grandes vantagens para o intelectual, quando procura ser justo e exato na contemplação e no estudo do passado. (MARIZ: 7.11.1913)

Nesta passagem do texto é de se destacar a presença da noção de "raça", tão cara ao regionalismo gaúcho e, principalmente, à obra de Alcides Maya (vejam-se os contos que constituem *Tapera*, por exemplo). Foi justamente na noção de "raça gaúcha" que se apoiou a ideologia veiculada pela literatura regionalista e pela crítica literária sua contemporânea, como é o caso do presente texto de Mariz. Apesar de claramente partidário desta ideologia, como deixa entrever ao longo do artigo, Antônio de Mariz andou certo quando detectou no texto simoniano a presença dela. Veja-se, por exemplo, o que diz, hoje, referindo-se à mesma questão, Flávio Loureiro Chaves¹³:

De fato, para o escritor existe um passado heróico e nele o que se encontra ainda é o herói gaúcho, gerado por uma tradição (em parte histórica, em parte literária) e aqui cristalizado em várias figuras — Bento Gonçalves, "um gaúcho de lei"; José de Abreu, "o anjo da vitória"; Jango Jorge, "um rei pequeno"; o velho Lessa, "touro cupinudo"; Juca Guerra, "um torero"; o próprio Biju Nunes, na perspectiva de seu companheiro de jornada e apresentador — "um perene tarumã verdejante". Tudo concorre para a idéia "regionalista" dum raço viril e perfeitíssimo, a raça gaúcha, enfim, suficiente a si mesma no contraste com o elemento externo. (CHAVES, 1992: 15)

Esta mesma idéia é recolocada sistematicamente por Mariz, às vezes aliada a alguma observação quanto ao estilo geral da narrativa, mas sempre reiterando e, portanto, reforçando seu caráter ideológico, o que evidencia, mais uma vez, que o regionalismo literário no Rio Grande do Sul teve um respaldo social muito grande. Veja-se a seguinte passagem, onde o autor, aludindo a um aspecto estilístico da narrativa simoniana, reproduz o retrato do gaúcho anteriormente elaborado e comentado:

A primeira página dos "Contos" — a apresentação do vaqueano Biju — é, como se pode exigir, vivida, acultural: nela predomina, sente-se, a inspiração artística, imprimindo com naturalidade e concordância, em caprichoso "viguetage" geográfico, a vida e o tipo do vaqueano, identificado com a natureza. (...)

Esta página dos "Contos Gauchescos" é por si sugestiva, pela sistematização das cores tão bem combinadas e dispostas, onde se vê a lagoa, o arroyo, o rio, a coxilha, o arvoredo, a serra, a cidade, a vila, a aldeia, os costumes, com prestes, deuse passado amortecido, pela caracterização do que é peculiar ao Rio Grande pela natureza, pelo vigor, pela liberdade de caráter, generosidade de alma de seus antepassados. (MARIZ: 7.11.1913)

Paralelamente aos comentários que faz acerca da obra de Simões Lopes, Antônio de Mariz elabora todo um discurso ufanista, onde lembra da necessidade de se fixar a fisionomia

da terra e do homem gaúcho, sob pena de seu desaparecimento:

É preciso não deixar entregue às flutuações da moda todo esse passado que de longe atesta que o Rio Grande possui os caracteres bem acentuados de uma história e de uma literatura congêntas, peculiares ao seu clima, à sua posição geográfica, à natureza e caráter de sua raça. (MARIZ: 7.11.1913)

Falando da necessidade da fixação da trajetória histórica do gaúcho, Mariz reconhece este valor na obra simoniana, à qual relaciona com a produção de Alcides Maya e Apolinário Porto Alegre, identificando neles este esforço comum. Como se pode ver, nos anos 13, Mariz já percebera a importância daqueles que são reconhecidos os grandes marcos da consolidação da literatura regionalista entre nós:

Esse caráter a que aludo, exprime, com suficiência, os germes latentes de uma história e de uma literatura. O livro do Sr. Simões Lopes Neto tem por si o valor subsidiário, incontestável, para a formação dessa história e dessa literatura que, felizmente, já está excitando alguns espíritos observadores, como Alcides Maya, notadamente hoje, e Apolinário Porto Alegre, notadamente ontem. (MARIZ: 7.11.1913)

Ao lado da apologia do regionalismo literário, realizada através das noções de raça, meio geográfico específico, linguagem característica, histórica própria, entre outras, não falta a crítica à outra vertente literária da época, — o parnasianismo/simbolismo —, a que o autor refere-se de forma irônica:

O mérito do livro do Sr. Simões Lopes Neto está no que ele é: — genuinamente rio-grandense. É a representação de uma literatura que, por sua singeleza e naturalidade, atrai muito mais que as fantasias do "sonetismo" moderno. (MARIZ: 7.11.1913)

Há, ainda, passagens no texto que lembram muito as primeiras manifestações críticas sul-rio-grandenses, à época do *Partenon Literário*, quando Apolinário Porto Alegre, Taveira Júnior e outros insistiam na necessidade da criação de uma literatura representativa da terra, idéia nascida do nacionalismo literário romântico que perdura ao longo da produção regionalista do século XX. Portanto, o artigo de Antônio de Mariz evidencia também o grau de permanência e longevidade que o ideário elaborado pelo grupo do *Partenon* alcançou entre nós. Leia-se a seguinte passagem, onde o autor afirma:

Os "Contos gauchescos" são quadros históricos inerentes a épocas já afastadas, traçadas em prosa, por quem sabe pesquisar o passado remoto do Rio Grande, com amor, com

calma e dedicação; é possível que, por isso mesmo, lhes neguem valor artístico e literário, béns, etc. São subsídios para a história de uma literatura que há de reviver ainda, que há de sair de seu estado de formação, para se tornar um todo harmônico, clássico, próprio a uma civilização dominante. (MARIZ: 7.11.1913)

Enfim, a exemplo do que faziam os críticos da época, Antônio de Mariz encerra seu estudo de uma forma apoteótica, numa espécie de conclamação à própria sociedade sul-rio-grandense para a admiração e preservação dos chamados valores da terra:

É assim os caracteres da civilizações que passaram poderão ser conservados através do tempo que tudo consome e apaga; e o Sr. Simões Lopes Neto presta inestimável concurso à causa do progresso e da elaboração da história e da literatura do Rio Grande, à causa mais e generosa que tem por princípio capital a salvação das tradições históricas e poéticas da terra gaúcha do indiferentismo e do esquecimento que lhes vota o passado. (MARIZ: 7.11.1913)

Como se pôde ver pelo exame do texto "Contos gauchescos por I. Simões Lopes Neto", de Antônio de Mariz, a obra simoniana, quando de seu aparecimento, teve ótima recepção por parte da crítica, fato que perdura até nossos dias, embora por razões diversas.

Por outro lado, a leitura dos trabalhos de João Pinto da Silva e de Antônio de Mariz mostrou a crítica literária realizada através do jornal em dois de seus momentos: no primeiro caso, o da reavaliação e valorização de uma obra poética até então quase exclusivamente criticada; no segundo, o da recepção inicial consagradora que, sem dúvida, deve ter contribuído para uma mais rápida difusão e popularização da obra comentada.

NOTAS:

* Este trabalho faz parte de um projeto — "A crítica literária na imprensa do RS" — que vem sendo desenvolvido pelo Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, com o auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

1. V. a propósito BAUMGARTEN, Carlos A. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868 a 1890*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.
2. CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul (1868-1960)*. Rio de Janeiro/Brasília, Livros Técnicos e Científicos/INL, 1979.
3. MAYA, Alcides. "Literatura nacional". In: REPÚBLICA, Porto Alegre, 26.7.1888.
4. ———. "Literatura brasileira". In: CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 26.2.1889.
5. ———. "Literatura nacional". In: CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 10/4.5.1889.

6. — "Estudos e notas — Cyrano de Bergerac". In: CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 24.7.1898.
7. — "Estudos e notas — Complications sentimentales". In: CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 28.7.1898.
8. — "Estudos e notas — Lendo Ibsen". In: CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 18.9.1898.
9. — "Estudos e notas — Lendo Ibsen" In: CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 25.9.1898.
10. SILVA, João Pinto da. "Cruz e Souza — A sua cor e a sua arte". In: O DIARIO, Porto Alegre, Cia Gráfica Porto-Alegrense, 15.6.1914.
11. MARIZ, Antônio de. "Contos gauchescos por J. Simões Lopes Neto". In: CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 7.11.1913.
12. BOSI, Alfredo. História enciclopédica da literatura brasileira. São Paulo, Cultrix, 1980.
13. CHAVES, Flávio Loureiro. Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.